# A solidão globalizada em crianças e adolescentes

Mario Elkin Ramírez (Coordenador e relator)

Carlos Agudelo, Pablo Corrales, Sofía Fernández, María Isabel Restrepo, Beatriz Rivera, Viviana Rojas, Luz Aneira Sánchez, Norelly Villa.

## Clínica diferencial da solidão, hoje

Miquel Bassols faz um pequeno mapa clínico da solidão quando corresponde a neurose a “duas posições do sujeito da solidão […] duas paixões da solidão”.

### A solidão obsessiva

“A primeira […] é a estratégia da neurose obsessiva com seu ideal impossível, de localizar-se […] longe do desejo do Outro. [Esta] solidão esconde um aparelhamento que mantém o sujeito firmemente em seu fantasma. É o aparelhamento do sujeito com o falo que é oferecido pela forma imaginária da completude. [No entanto,] necessita finalmente da presença de Outro que o contemple”. E a quem lhe oferece sua unidade fálica. Outra variante será dizer que o sujeito se acompanha no fantasma com o objeto causa de seu desejo e condensa seu gozo. Objeto que se converte no *partenaire* de sua solidão.

A este tipo de solidão poderia corresponder a solidão do solteiro, da qual Lacan se refere em *Televisão.*Na ética do solteiro o sujeito está solto do Outro por escolha e acrescenta no seminário XVII: “o solteiro prepara o próprio chocolate para si”, referindo-se à satisfação que ele encontra na solidão e que o leva a poder prescindir dos outros, inclusive a lhes evitar sistematicamente, esta solidão corresponde a um rechaço do Outro.

Esta é uma referência a uma obra de Duchan, na qual uma noiva encontra-se separada dos solteiros graças a dois painéis de vidro, sem acesso a ela os solteiros decidem preparar seus próprios chocolates.

Corresponde a este tipo de solidão, a do isolamento. Pilar Ordoñez, a exemplifica com o caso de um jovem que sobrevive a um fato traumático porque vive conectado à máquina de jogos. Essa solidão encarna o atual isolamento adolescente; cada um com seu gadget, cortando toda possibilidade de laço com os outros. É o isolamento ligado ao sistema de consumo, no qual se evidencia um rechaço do Outro.

Nesta mesma direção, Manuel Baldiz se ocupa de uma manifestação clínica da solidão da qual alguns pacientes não se queixam. Trata-se daqueles em quem a presença do Outro fica anulada. Traz como exemplo um toxicômano que sempre se esconde para se drogar; a ingestão de droga lhe é inconcebível caso não esteja só, mas não se esconde dos outros para que não saibam do seu hábito, senão que obtém uma certeza no ato de se drogar de modo solitário, esse ato liquida sua dúvida de realizá-lo ou não. Obtém uma certeza do efeito conseguido, mostrando que a relação sexual é possível na condição de que o objeto não fale, nem trate de modificar nada.

Este paciente em análise vincula seu ato repetitivo de solidão e de heroína com uma vivência de sua infância e adolescência, na qual experimentava uma sensação prazeroza quando em sua casa participava dos encontros que seu pai artista realizava com seus amigos. Neste paraíso de vez em quando surgiam uns momentos de angústia, ao presenciar as discussões de seus pais que faziam aparecer seus limites e suas inconsistências. Nestes momentos se refugiava em um quarto pequeno, cantando obsessivamente, em voz baixa, uma canção, até que intuía que tudo iria ser “impecável”. Este fato mostra uma lógica subjetiva que dá luz à tendência posterior de se fechar para consumir. Tratava-se de reproduzir uma estratégia infantil para manter um mundo sem falta. É a aposta em jogo do desejo de um homem sozinho.

### A solidão histérica

A outra estratégia neurótica frente à solidão consiste em “manter o desejo, identificando-se com o objeto que sempre falta ao desejo; aqui também é o falo, mas na vertente da ausência. A paixão histérica pela solidão é a paixão da exceção, a paixão de ser o único ou a única, que não é como os outros, que se identifica com sua falta de ser tomada como objeto”. Trata-se de uma solidão que supõe um forte laço com o Outro, a quem possa furar com a falta do sujeito.

Baldiz apresenta o caso de uma adolescente bulímica que também se esconde para se empanturrar de pão e produtos lácteos. Dois acontecimentos o explicam: o primeiro foi uma brincadeira na qual uns companheiros em uma saída de fim de semana tiram uma foto dela quando ela se escondeu para comer e depois em uma sessão de slides se vê lançando-se sobre uma caixa de biscoitos, o que a deixa presa em um ataque de angústia. A autora se refere a este fato como: “a intrusão real de um olhar dentro da cerimônia de seu ato teve o efeito de poder se contemplar desde fora, descompleta, e com um hálito de obscenidade”.

O outro fato aconteceu em uma sessão de análise na qual trata de demonstrar com veemência seus bons sentimentos a sua mãe e exclama “mas se minha mãe é um pedaço de pão!”. Neste caso, a interiorização da “mãe-pedaço de pão” se localiza em um momento em que se opõe a qualquer possibilidade de resolver suas dificuldades com a figura materna em um registro mais elaborado.

Anna Castell verifica nesta perspectiva dois tipos de solidão, a solidão de algumas crianças ou adolescentes de se encontrarem sós com o pai, ou com a mãe quando para o sujeito pareceria que o outro pai não estivesse. No contexto atual seria uma forma que revela a solidão de estar só com outro sem que inclua a outros, o que pode ser visto hoje onde predominam os filhos únicos ou um único pai para seu filho. O filho pode histericamente se localizar como aquele que falta ao pai ou à mãe.

Mas também existe a solidão de não ter a outro que acompanhe, de estar desprotegido. Ilustra com a situação na qual um paciente não obtém resposta do outro e pode se dar conta de que o outro não é absoluto: este acontecimento “se inscreve em sua história como a situação de solidão e desamparo mais extrema de sua vida”, o dar-se conta que o pai poderia adoecer e morrer.

### A solidão psicótica

A solidão do psicótico acontece “quando o laço com o Outro mediante a função fálica não é possível”, por isso será mais conveniente falar de dor de existir do que de solidão. Não obstante, há um grande paradoxo que é que “a solidão mais extrema pode acontecer, fora de todo laço social, mas do sujeito não chega o testemunho do sentimento de solidão; não encontramos a subjetivação disso que chamamos a experiência de solidão”.

O sujeito psicótico testemunha ter experências de certeza absoluta, mostrando o sofrimento e a dificuldade de colocar em palavras o seu malestar, como nomeia Lacan: “essa impossibilidade de fazer passar algo no Outro”, o que o situa em um lugar de dejeto.

Isto encontra sua ilustração em uma criança que tem uma interpretação delirante de sua exclusão no âmbito escolar: ao chegar pela primeira vez ao colégio por um instante sua irmã a deixou sozinha na porta do colégio, quando “se aproximava dela algum profesor ou os colegas lhe dava vontade de chorar”, diz que seus profesores do colégio são injustos, “porque só dão atenção aos alunos que tiram boas notas […] tanto no pátio como na sala está só”.

Crianças e adolescentes da contemporaneidade carregam marcas inevitáveis do Outro que evidenciam o abandono, a solidão e os medos. Vivem em um constante desencadeamento de sintomas ao não se sentirem enodados a Outro, por isso a dificuldade de transmitir pela via do discurso sua inconformidade com seu ser, de sentir estar fora de um contexto social, gerando sentimento de morte subjetiva manifestado de várias formas; alguns buscam o pranto, a tristeza, incapacidade e a impotência que os deixam expostos ao gozo do Outro, sujeitos que sentiram a experiência do desamparo frente a um grande Outro esmagador que desordena. É quando pode aparecer a manifestação por se sentirem rechaçados que apontam ao seu ser, dando conta no lugar do dejeto do desejo do Outro.

### A solidão do perverso?

Por sua vez, o perverso não estará nunca sozinho porque sempre dispõe “do par do gozo que complementa sua falta a ser”, sempre estará acompanhado de seu fetiche, ou de seu complemento perverso. Se não experimenta a solidão é porque rechaça sua divisão subjetiva, a coloca no outro.

Mas Bassols relembra que há uma ferocidade particular do gozo perverso que exige a satisfação pulsional. Nesse sentido, “o perverso nos indicaria que na satisfação da pulsão o sujeito sempre está só”. Porque lá não pede outro para lhe reconhecer, sancionar, para ser testemunha, a solidão do gozo é “a solidão mais absoluta da pulsão de morte”.

### Solidões globalizadas

Esthela Solano Suarez no artigo “solidões femininas”, pontua que o século XXI oferece aos sujeitos modos de gozar identificatórios, fora das normas sociais; reivindicando o gozo que se apresenta como *cogito* gozoso, gozo logo existo, o modo de gozar outorga a cada um um ser e uma identificação. Mas essa identificação não é a um traço simbólico, senão que vai direcionada à modalidade de gozo, que obriga a ordem social a legalizar os novos modos de gozar, exigindo quais direitos devem ser atualizados distanciando da sociedade patriarcal que ordenava os modos de gozar.

Os modos de gozar são ordenados por dois discursos, o capitalista e o científico, que se servem da formalização de objetos a nível visual e sonoro que não eram acessíveis antes, a esta nova esfera de objetos é que Lacan nomeia aletosfera. A super-consumição destes novos objetos introduz novos modos de relação com o Outro, relações virtuais que introduzem modos de gozar mais solitários, a época impõe gozos do Um sozinho, sem Outro. Neste sentido, da solidão do gozo do Um, da coisa-em-si, o sujeito pode gozar sexualmente com o objeto mais de gozar, mas o amor é encontrado na ordem do impossível. É uma solidão do gozo desnudo, sem véus sem o amor, a experiência do gozo com o corpo, o gozo sem limites que encara o sujeito com aquilo que não tem representação, o puro real.

O gozo da mulher na época atual se expressa sem indiferenciação, desde a singularização de gozos de homens e mulheres em seu próprio corpo, em modos solitários, fazendo cair as distinções rígidas de homens na rua e dentro as mulheres, sendo derrubado o Nome do Pai e dando fim ao mistério do gozo feminino; também é uma exibição de gozo, onde ela quer demonstrar, o que chama ejaculação feminina. Um corpo sem restrição, sem inibição, de mostrar tudo, de querer visualizar o real do gozo sem texto. A autora esboça que na época atual caíram os véus, e ao caírem se desvalorizou o falo enquanto mistério simbólico, pois ao estar recoberto fazia parte dos mistérios. Do mesmo modo, cai a mulher como simbolizadora do falo, não exposta e inibida.

O matema da solidão é S (/A) barrado. Há uma falta impossível de preencher no significante do Outro. Com esse matema Lacan escreve o gozo feminino. Há uma solidão inerente ao gozo feminino? O gozo feminino prescinde do gozo fálico, por isso é não-toda. Pode fazer da solidão seu parceiro?

Um dos ideais da época atual e que os jovens defendem é a liberdade econômica e sentimental, alguns destes organizam sua existência para estar em função de alcançar este ideal através de relações sentimentais sem compromisso, ocasionais e enquanto dure. Em sessão é comum lhes escutar dizer que o que se trata é de serem livres tanto economicamente como sentimentalmente e defendem a solidão dessa liberdade sem compromisso, quer dizer, onde não há uma implicação amorosa.

Este é o caso das duas jovens apresentadas pela psicanalista Graciela Ortiz Zavalla. Sonia é uma delas, quem para manter o ideal de liberdade econômica e relações sem compromisso, busca manter encontros casuais com homens através de uma linha quente. Para estes encontros ela considera que seu corpo deve ser mantido belo e é por isso que fez três cirurgias estéticas em seus seios, onde o corpo é submetido à dor por tal tratamento. Dor que não termina aí, pois repete-se ao consentir o maltrato físico de alguns homens que a tomam como instrumento de gozo. Ela oferece ao outro um corpo para ser marcado; é um maltrato suportado em nome do ideal de liberdade econômica e sentimental.

Quando o analista lhe pregunta pela dor causada pelas múltiplas cirurgias e o maltrato de alguns homens com os quais fez acordos de encontros sexuais, se surpreende e recorda com grande angústia que são os psicofármacos, os que a auxiliam para evitar sentir dor.

Ana é outra jovem, que igual a Sonia reivindica custear seus gastos por seus próprios meios e para fazê-lo programa encontros sexuais com um homem que não lhe demanda nada, não lhe impede levar adiante seus projetos de independência, mas sentindo-se só e descuidada.

Este homem não lhe demanda nada e lhe permite “fazer a dela” que com o tempo “o dela” é ser cuidada. A demanda desta jovem “livre” é a presença de alguém que a cuide e sente que tem dificuldades para conseguí-lo, pois seu temor é de ser “estragada” pelo outro.

Na história destas mulheres há um culto ao individualismo, uma cultura do só, próprio de nossa época, com um delírio de felicidade e prazer instantâneo em uma rede de contatos superficiais. Trata-se na época atual de um recolhimento fervoroso do sujeito sobre si mesmo, que segundo a autora “se trata do eu perante o eu”, onde os sozinhos querem ser livres e segundo eles, apostam em umas relações sem apego amoroso e sem a possibilidade de uma maternidade ou paternidade, onde o corpo deve portar “uma figura light, esportiva, dietética, de cirurgias estéticas e muito medicalizada, drogada, para o encontro com o Outro sexo”.

O que estas mulheres renunciam é a possibilidade do encontro amoroso e o que fazem é situar-se como objeto de gozo do outro, sendo o amor o que viria colocar limite ao gozo. Para a autora o que resta a estas mulheres é uma diferença de mercado no que diz respeito ao outro sexo, na qual sempre perderão, comprovando que os homens sempre a “estragam”.

O discurso da época presentifica significantes para objetalizar aos sujeitos, para fazer uma série, onde a aposta é “do para todos”, mas não para identificar aos sujeitos e fazer de cada caso sua diferença.

Graciela Ortiz faz uma afirmação sobre alguns casos de jovens que propugnam uma ética da solteirice ao dizer que a promovida solidão pode ser lida como um modo sofrido de distanciar-se do Outro que, no caso de Ana, no processo de análise “retorna em um desejo de possibilitar vínculos mais interesantes, nos quais essa distância seja substituída por certa inocência, que dê lugar ao contingente de se dar uma oportunidade”. Finaliza citando a E. Laurent, que afirma que o analista é quem deve “encontrar a maneira de se dirigir à angústia do sujeito para mostrar que os sintomas inéditos de nossa civilização são legíveis”.

Desamparo ou solidão primordial que faz fracassar o sonho burguês da promessa de felicidade outorgada pelos objetos de mercado, assim o sonhador coloca-se a serviço dos bens esperando que estes lhe busquem a felicidade que o distanciará da vivência de desamparo, para despertar em um sem parâmetro ou comparação.

Tradução: Daniela Nunes Araujo

Revisão: Tânia Abreu